



CANÇÃO POPULAR E “UTOPIA CAMPONESA” NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR-EMPRESARIAL (1964-1985)

VALDCÉLIA, Aparecida
Universidade Regional do Cariri (URCA)
aparecida.vferreira@urca.br
Financiamento: Pibic-Urca

RESUMO

No período da ditadura militar brasileira, a desapropriação de terras e a expulsão de moradores rurais desencadearam uma série crescente de revoltas, confrontos e resistência, resultando em uma batalha intensa pelos direitos camponeses e uma busca incessante pela reforma agrária. Nesse contexto de opressão, a Música Popular Brasileira (MPB) emerge como forma de protesto, contestação e denúncia das condições enfrentadas pelos deserdados do campo. A música torna-se um meio de mobilização em que ressalta a relação do homem com o campo por meio de uma “utopia camponesa”. Esta utopia representa uma força que busca impulsionar uma ação coletiva com o objetivo de que as comunidades rurais desafiem a concentração de terras e uma ainda maior expansão das grandes propriedades rurais. As letras das músicas aparecem como um meio de análise, mas também como um anúncio de mudanças no cenário agrário brasileiro.

Palavras-chave: Ditadura Militar. MPB. Camponês.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo analisar a música popular brasileira como fonte histórica, contribuindo para o entendimento sobre a questão fundiária no Brasil com ênfase no período de dominação da ditadura empresarial-militar em nosso país (1964-1985). Os conceitos fundamentais deste estudo incluem a análise e reflexão acerca da propriedade agrária, do latifúndio e dos conflitos de terra, decorrendo disso a confecção de um elo entre o problema agrário e a abordagem social inerente a nossa produção artístico-cultural.

Ao longo do tempo, as relações com a terra foram mudando. Em 1850, a Lei de Terras marca o início de um novo modelo de apropriação de terras no território brasileiro. Na virada do século XIX para o XX, e ao longo das primeiras décadas desse último, alguns movimentos camponeses começaram emergir, como Belo Monte (Canudos),



Contestado e Caldeirão, que sofreram intensa repressão por parte do Estado e dos latifundiários. Entre as décadas de 1940 e 1960, surgiram as ligas camponesas como enfrentamento à injustiça agrária e uma busca por uma melhor divisão das terras, sendo também severamente reprimida, sobremaneira com a eclosão da ditadura burguesa-militar. De qualquer modo, malgrado a violência que sofreram os seus integrantes, as Ligas Camponesas ajudaram a colocar em pauta a questão agrária na agenda nacional, dando-lhe visibilidade e incorporando o tema na plataforma política do presidente João Goulart por meio das reformas de base. O fato é que essas reformas enfrentaram uma oposição significativa resultante do golpe civil-militar de 1964.

Isso expresso, o sistema de poder autocrático dilacerou todo e qualquer projeto que apontasse para a democratização do acesso à terra no Brasil. Por isso, só nos estertores da ditadura, em 1984, é que surge o Movimento dos Trabalhadores/Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), reacendendo a luta por reforma agrária.

Posto isso, a problematização desta pesquisa se baseia em como a MPB reflete e, ao mesmo tempo, influencia as questões sociais, políticas e fundiárias no Brasil, tomando como recorte os 21 anos da ditadura empresarial-militar, por meio de estudos e análises de textos teóricos e canções populares que habilitem a compreensão em torno do elo entre a questão agrária e a criação musical no Brasil.

Com base nesses critérios, estamos realizando a análise de algumas músicas significativas para esse projeto, como: *Disparada* de Geraldo Vandré e Théo de Barros (1966), *Peão na Amarração* de Elomar Figueira Melo (1983), *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto e Chico Buarque (1966), *O cio da terra* de Chico Buarque e Milton Nascimento (1977) e *O Rancho da Goiabada* de João Bosco e Aldir Blanc (1976).

2 DESENVOLVIMENTO

Os militares contavam com forte apoio dos empresários e da imprensa. Em oposição ao regime ditatorial, dentre outros sujeitos sociais, estavam os camponeses, que foram privados da oportunidade de poderem ser beneficiados com a reforma agrária. A partir de



1960, a Música Popular Brasileira passou a desempenhar um papel significativo na tradução dos conflitos e na interpretação dos desafios que o movimento camponês enfrentava.

Desde 1959, os norte-americanos estavam de olho no processo político e social brasileiro, assustados com as Ligas Camponesas. O Nordeste brasileiro era visto como a nova Sierra Maestra, foco de misérias que, no imaginário das esquerdas e das direitas, alimentavam a Revolução (Page, 1972, apud Napolitano, 2014, p. 58)

Durante a ditadura burguesa-militar, a MPB abordou de maneira recorrente a relação do homem com o campo. As canções e letras das músicas são marcadas por tons de nostalgia, tristeza, perda, esperança e melancolia, refletindo acerca do indivíduo em conexão com a terra e a luta diária do trabalhador(a) rural. As letras expressam sentimentos de resistência ao mesmo tempo em que refletem as dificuldades do trabalho braçal.

Retratando a realidade nordestina, a música *Disparada*, composta por Théo de Barros e Geraldo Vandré, foi interpretada na voz de Jair Rodrigues no II Festival de MPB da TV Record (1966). A disputa era tão equilibrada que na imprensa circulou o boato da possibilidade de um empate (MELLO, Zuza Homem de, 2003, p.152). *Disparada* conquistou o coração do público, disputando essa primazia com *A Banda* de Chico Buarque. O fato inédito que ocorreu foi que as duas músicas conseguiram ganhar o primeiro lugar no festival.

Em *Disparada*, as mudanças no campo afetam a vida dos trabalhadores rurais, provocando uma crescente conscientização sobre as desigualdades vividas, traduzindo-se em uma perspectiva de desalienação e de ruptura com a ordem social vigente. Essa desalienação/transformação é destacada nos seguintes trechos: "Mas o mundo foi rodando / Nas patas do meu cavalo / E nos sonhos que fui sonhando / As visões se clareando / As visões se clareando / Até que um dia acordei / Então não pude seguir / Valente em lugar tenente / E dono de gado e gente / Porque gado a gente marca / Tange, ferra, engorda e mata / Mas com gente é diferente."

A canção *Disparada* é um marco dos primeiros tempos de dominação autocrática de feição militar. Ela lança um protesto que seguiu do começo até os anos finais da ditadura.



Por exemplo, na reta final de domínio militarista, Elomar Figueira de Melo lança a música *O Peão na Amarração*, que busca retratar a vida no sertão e as condições difíceis enfrentadas pelo camponês. A composição utiliza uma linguagem regional para representar o cotidiano dos sertanejos, destacando a resistência em manter sua identidade e a recusa em aceitar a opressão: “Vô cantano inconto posso...”.

Entre essas duas pontas é que se desenha um dos momentos-chave da elevação da questão agrária a motivo relevante na canção popular. O poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, é musicado e popularizado na voz de Chico Buarque de Holanda, que busca capturar a derrota da “utopia camponesa”. Uma das passagens mais marcantes do poema Cabralino é o *O funeral do Lavrador*: “Esta cova em que estás, com palmos medida / É a conta menor que tiraste em vida / É a conta menor que tiraste em vida / É de bom tamanho, nem largo nem fundo / É a parte que te cabe deste latifúndio / É a parte que te cabe deste latifúndio / Não é cova grande, é cova medida / É a terra que querias ver dividida / É a terra que querias ver dividida” (MELO NETO, 1997, p. 99-100).

Ainda entre os dois pontos extremos (Disparada e o Peão na Amarração), precisamente em 1977, é lançada a música *O Cio da Terra*. Composta por Chico Buarque e Milton Nascimento, A canção destaca a relação com a terra ao escrever: “Afagar a terra / Conhecer os desejos da terra / Cio da terra, a propícia estação / E fecundar o chão”. A música possui uma poesia na qual aborda a relação com o campo de uma forma simbólica e lírica, tornando-se um símbolo de resistência e de luta pela reforma agrária.

Quase nesse mesmo período, a canção *O Rancho da Goiabada*, de autoria de João Bosco e Aldir Blanc, retrata a precarização dos trabalhadores agrícolas, principalmente os boias-frias. Os boias-frias se tornam símbolo da exploração rural devido às condições de trabalhos difíceis e salários baixos, e, em larga medida, dão uma ideia do que significou a chamada “modernização do campo”, promovida pelo poder ditatorial. Dois anos após seu lançamento, a música também foi interpretada na voz de Elis Regina. De modo subjacente, ela também reflete a existência de uma “utopia” que tensiona o mundo dos boias-frias, que



almejam não apenas o doce da goiabada, mas valorizam os momentos “Onde muitos se reúnem/Contando mentiras/para poder suportar”. Nesse contexto,

Está claro que a separação indicada nas indústrias de transformação e de extração, da manufatura e da agricultura, transforma a própria agricultura em indústria, ou seja, um ramo da economia produtora de mercadoria. (Marx apud Wright, 2012, p. 108)

A mal denominada “modernização do campo”, em última análise, força trabalhadores e moradores a se refugiarem em outros locais, marcada por uma luta repleta de disputas, violências físicas, psíquicas e verbais. Portanto, não se trata de uma violação leve aos direitos humanos (Goldfarb, 2020, p. 428). Nesse sentido, a “utopia camponesa” emerge como aspiração das massas rurais contra a concentração de terras e a violência do latifúndio e do Estado. Na Música Popular Brasileira, essa utopia camponesa é retratada como um tema de resistência, denúncia e esperança, luta a qual é sonhada por uma reforma agrária que se vislumbra como uma necessidade a ser atingida “na lei ou na marra”.

Esta pesquisa, ainda está em fase de desenvolvimento, e metodologicamente, usa-se como fonte documental privilegiada a Música Popular Brasileira, que se torna objeto de investigação histórica. A abordagem explora a música como base para análises, explorando as canções como documento histórico para compreensão da questão agrária no contexto da ditadura empresarial-militar.

3 CONCLUSÃO

Essa pesquisa visa explorar a conexão entre a MPB e as lutas camponesas durante o período da ditadura civil-militar-empresarial. As letras das músicas refletem as aspirações e resistência das massas rurais, revelando as transformações, lutas e dificuldades que caracterizam a práxis campesina. Visivelmente, as músicas são uma forma de protesto e resistência servindo como um canal de combate, desafio e sobrevivência em que presente e futuro confluem.

4 REFERÊNCIAS



GOLDFARB, Yamila. *As violações de direitos humanos das populações camponesas: entre passado, presente e futuro*. In: TELES, Edson; QUINALHA, Enan (orgs.). **Espectros da ditadura: da comissão da verdade ao bolsonarismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GONÇALVES, Adelaide; BRITO, Liana; VICENTE, Lourdes. **Resistência camponesa – história de teimosia e esperança**. Fortaleza: Editora da Uece, 2020.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach, in: Karl Marx e Friedrich Engels: **A ideologia alemã**, tradução de Marcelo Backes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MELO, Elomar Figueira de. *O Peão na Amarração*. In: **Parcelada Malunga**. [Álbum]. Eldorado, 1983.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. In: **Melhores Poemas**. 51. ed. São Paulo: Global, 1997.

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais - uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes – o golpe de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **História do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. 365 p.

WRIGHT, Paulo. **A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980: contribuição ao aprofundamento da análise das relações de produção na agricultura brasileira**. Organização de João Pedro Stedile. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.